“Um pequeno pássaro pousou na mão de Alba, levando-o mais próximo do rosto da irmã.
- Uau! Ele é tão pequeno... São esses os seres da Mãe? – a pequena deixou a boca semi aberta ao olhar o pássaro, deixando suas pequenas presas que estavam nascendo a mostra.
- Isso mesmo. E são nossos também. É o que eu havia lhe explicado mais cedo, devemos protegê-los e respeitar o ciclo de cada um. – Alba levantou o braço, fazendo o animal sair voando.
- Eu quero ser como a minha irmã mais velha! Respeitada por todos da floresta! E espantando os homens maus. – Alma mostrou suas pequenas garras tentando rosnar, o que fez a irmã gargalhar.
- Você vai ser bem mais que isso, Alma. – Alba terminou a frase acariciando os curtos cabelos pretos da irmã.
Ao receber o carinho, Alma deu uma leve gargalhada. Segundos depois, a expressão em seu rosto mudou, deixando a mais velha preocupada.
- O que foi?
- Você... Eu... Agora sou sua família? Mas, você me disse que antes você era...
- Humana?
- Sim...
- Eu era, Alma. Mas, isso é passado. Meu antigo espírito está morto e tudo que resta agora é a Alba. E você é minha única irmã.
Os olhos de Alma brilharam ao escutar Alba falando, sorrindo e jogando seu corpo em cima de sua irmã, abraçando-a.”

(...)

O som da água caindo pela cachoeira ecoava o ambiente enquanto Alba molhava os dedos de seu pé, distraída. De repente, algo chamou-lhe a atenção, direcionando seu olhar para as árvores. Em poucos segundos, junto com as sombras que as árvores faziam, uma figura feminina se formou. Seus cabelos eram compridos e pretos, seus chifres brancos lembravam galhadas e suas garras eram compridas, pontiagudas e pretas, as quais estavam sujas de sangue. Suas presas, que saiam da sua boca e se espalhavam pelas suas bochechas, também estavam sujas de sangue.

- Alma, eu lhe fiz o chamado já faz horas. Estou aqui te esperando já faz um tempo.

- E por que não veio atrás de mim? Pensei que esse era o seu trabalho. – Alma se distanciou das árvores onde estava, indo para perto do riacho.

- Eu estava ocupada, e acho que você já é grande o suficiente para não precisar de mim. Você sabe o que fez, não é? – os olhos de Alba acompanhavam os movimentos da irmã.

- Sim, sei sim. Estava fazendo o meu trabalho. – Alma se agachou perto de Alma e limpou o sangue de suas garras na água.

- Você conhece as regras. Eu te dei o chamado que haviam caçadores invadindo a floresta e matando animais, seu trabalho era apenas fazê-los irem embora. Os ventos já

me contaram tudo, você os matou e ainda se alimentou de suas carnes. Você não pode fazer isso. Não é a primeira vez que isso acontece.

- Ah sim, isso. Bom, eu estava com muita fome, você sabe como é... Muita carne, muito sangue. Não consigo me controlar. Pensei que você já estava ciente disso.

- Eu estou ciente da sua sede por sangue, mas matar e comer humanos é proibido.

- Teme que sua família algum dia entre aqui e eu os mate?

Alba ficou em silêncio, como se tivesse se esquecido de qualquer coisa que iria falar. Alma se levantou, parando seu rosto bem em frente da irmã, encarando-a. O sangue ainda pingava de suas presas, o que a fazia lambe-los com frequência.

- Você sabe quem é minha família. A minha e a sua-

- Eu irei matá-los, sim. E se tiver sorte, logo em seguida a mato junto. – ela interrompeu a mais velha.

Os olhos brancos de Alba brilharam e, ao mesmo tempo, os ventos ficaram mais fortes. Ela respirou fundo, não deixando a raiva tomar controle de suas expressões. Aparentemente, Alma não se importou ao ver que suas palavras incomodaram a irmã e, assim, continuou a falar enquanto ainda a encarava.

- Eu não sou sua família, Alba. Eu não sou sua irmã. Você ainda é metade humana, nunca seremos nada além de dois extremos opostos. Inimigas. Não há nenhuma harmonia entre nós. E eu detesto o fato de que você é a mais poderosa, e mesmo assim é inútil. Não consegue matar, pois tem compaixão. Coisa humana.

- Não te chamei aqui para discutir com você, Alma. Só estou te alertando. Faça seu trabalho direito, ou o próximo chamado não será meu, e sim da Mãe.

Alma sorriu, deixando escapar uma leve gargalhada. Ela andou para longe da irmã, voltando para as árvores. Antes de partir, ela olhou para trás e encarou o rosto de Alba uma última vez.

- Estou ansiosa por isso, já que nenhum de vocês podem matar a própria criação, o que farão? Desculpa maninha, mas o cheiro de sangue me deixa maluca. Uma pena eu ser apenas uma decepção para você.

Ao terminar a frase, Alma sumiu entre as sombras. Alba apenas a encarou indo embora e não disse nada, apenas deu novamente um leve suspiro. Ela abaixou a cabeça, olhando seu reflexo na água. De repente, cerrou seus olhos com força, fazendo os ventos soprarem bem mais fortes que antes. Seu cabelo foi assoprado e a água do riacho jogada para os lados, como se uma grande pedra tivesse sido jogada. Os pássaros que estavam nos galhos das árvores ao redor saíram voando.

Esse era o preço de ter escolhido ficar com metade das suas memórias da vida passada quando ainda era humana: sentimentos. Ela havia pedido para a Mãe Natureza que parte das suas memórias não fossem apagadas, pois ainda queria se lembrar de sua antiga família, mas isso lhe causou mais sofrimento do que imaginava. Ela ainda sentia tristeza, raiva, empatia e outros vários sentimentos comuns em humanos. E ainda recebeu o pior de todos: o desprezo de Alma, que ao descobrir que parte do espírito

de sua irmã ainda tinha uma parte humana, não conseguiu aceitar. Mesmo Alma tendo sido criada a partir de uma parte do poder e espírito de Alba, ela não tinha nada de humano e sim muitas características selvagens, as quais eram difíceis de se controlar e lidar.

Quando os ventos se acalmaram, uma lágrima caiu dos olhos de Alba, a qual ficou assustada por ser pega desprevenida, limpando-a logo em seguida.

- Isso aqui... O que é isso? Eu esqueci completamente o que é. E por que dói tanto se é apenas uma gota d'água?